

## Do latim ao português: estudo diacrônico sobre as vogais

Profa. Daniela Samira da Cruz Barros

**RESUMO:** Neste trabalho, vamos estudar as origens latinas dos fonemas vocálicos do Português, retomando, através da Linguística Histórica, parte do processo diacrônico da Língua Portuguesa. Para pautar nosso estudo, recorreremos a autores renomados da Linguística e da Fonologia, como Saussure, Jakobson, Halle e Chomsky, bem como a clássicos da Linguística Histórica como Ismael Coutinho, Rodolfo Ilari.

**Palavras-chave:** linguística histórica; diacronia do português; vogais latinas.

### Introdução

Este despretensioso estudo diacrônico sobre as vogais portuguesas tem por objetivo sistematizar os elementos que compõem a evolução das vogais desde o latim até o português, apontando como a regra paradigmática fundamental atuou na manutenção dos pares opositivos no eixo das sucessões e como a regra sintagmática de harmonização à distância interferiu no processo evolutivo do sistema fonológico das vogais, de modo que com apenas duas regras se possa explicar todos os casos ocorridos com as vogais tônicas na passagem do latim para o português. Como principal referência, utilizamos os estudos de Zágari (1988) acerca da fonologia diacrônica portuguesa, sobretudo com a utilização de sua esquematização do conteúdo e seus exemplos.

### 1. O sistema vocálico latino

O sistema vocálico fonológico do latim clássico era constituído de dez vogais, sendo cinco longas e cinco breves<sup>1</sup>, as quais eram representadas na escrita através da

---

<sup>1</sup> Em latim, as vogais podiam ser pronunciadas com duração longa ou breve, a quantidade nada mais é do que esta duração propriamente dita, que em latim era uma característica fonológica, ou seja, capaz de distinguir palavras e morfemas gramaticais. (Ilari, 2002)

sobreposição dos sinais diacríticos *macron* e *brachia*, respectivamente:

/ā/:/ǎ/      /ē/:/ě/      /ī/:/ĩ/      /ō/:/ǒ/      /ū/:/ũ/

**Quando 1:** O esquema fonêmico das vogais latinas segundo Back (1968)

O esquema (fonêmico) das vogais			
		ANTERIORES	POSTERIORES
ALTAS	LONGAS	/i:	u:
	BREVES	i	u
MÉDIAS	LONGAS	e:	o:
	BREVES	e	o
BAIXAS	LONGAS	a:	
	BREVES	a/	

Assim, podemos dizer que os cinco grafemas vocálicos do latim clássico correspondiam a dez vogais no sistema fonológico, uma vez que todos podiam ser realizados como longos ou breves, de acordo com a sua duração. A duração, por sua vez, tinha valor fonológico, ou seja, valor distintivo/opositivo, independentemente da tonicidade da sílaba, assim, podemos dizer que o sistema vocálico latino era o mesmo para tônicas e átonas (pretônicas e postônicas). Neste estudo, sobre a diacronia das vogais portuguesas, trataremos apenas das vogais tônicas.

Por isso, podemos dizer que, no latim, o traço da quantidade era pertinente e apresentava alto rendimento funcional. A quantidade era relevante, por exemplo, na flexão verbal e nominal distinguindo casos: *rosă* (nominativo/vocativo) e *rosā* (ablativo), *auēs* (nominativo/vocativo) e *auēs* (acusativo), *gradūs* (nominativo/vocativo) e *gradūs* (genitivo singular); ou ilustrando oposições de significado entre vocábulos, como em *mālum* (maçã) e *mālum* (mau); *lēgo* (envio) e *lēgo* (leio); *dīco* (consagro) e *dīco* (digo); *pōpulus* (choupo) e *pōpulus* (povo); *lūtum* (planta amarela) e *lūtum* (barro).

Segundo Zágari (1988), é através do testemunho dos gramáticos latinos que podemos nos certificar da relevância do traço da quantidade. Quintiliano, por exemplo, afirma ser um ato simples reconhecer o que até as crianças sabem, a vogal longa ter duração de dois tempos e a breve de um: “*Longa esse duorum temporum, brevem unius etiam pueri sciunt*”. Segundo Quintiliano, o entendimento linguístico do falante nativo era tão claro que a oposição duração/quantidade estava muito bem marcada, tanto que até as crianças distinguiam. (*apud ZÁGARI, 1988*)

O poeta Lucílio chama a atenção sobre a grafia idêntica do /a/, independentemente de ser longo ou breve: “*uno eodemque ut dicimus pacto scribimus pacem, placide, Ianum, aridum, acetum*”. Lucílio aponta que já não existe diferença na grafia de /Ā:/Ă/, demonstrando a existência da quantidade mesmo não sendo marcada na escrita. (*apud ZÁGARI, 1988*).

Sérvio nos deixa clara a pronúncia de /e/ e /o/ breves ou longos, quando afirma: “*uocales sunt quinque, A, E, I, O, V. Ex his duae, E et O, aliter sonant productae, aliter correptae...*” Com o exemplo de Sérvio, temos certeza da correlação de quantidade com “*correptae* = recolher” e “*productae* = levar adiante”. (*apud ZÁGARI, 1988*).

O testemunho dos gramáticos leva a concluir que

a quantidade se manifestava em toda extensão do sistema vocálico latino (gramático algum negou sua presença) e a qualidade não era pertinente em pares como /ē: ē/ ou /ō: ō/que, indiferentemente, poderiam ter a pronúncia mais ou menos baixa. (ZÁGARI, 1988, p. 68)

É preciso observar que alguns estudos apontam que ainda no latim vulgar já havia uma correlação do traço da quantidade com o traço da altura, sendo as vogais longas pronunciadas como altas e as breves como baixas, característica que acabou adquirindo papel relevante na passagem do latim para o português, já que determinou o surgimento de sistemas vocálicos distintos para vogais tônicas, pretônicas e postônicas no português. Segundo Câmara Jr. (1979):

a intensificação do acento destruiu esse delicado jogo quantitativo no latim vulgar. Ao mesmo tempo, as vogais passavam a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, quando átonas, pela sua posição antes

ou depois do acento. Assim se eliminou a quantidade como traço vocálico distintivo e se estabeleceram três quadros diversos para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais. (CÂMARA JR., 1979, p. 40)

Assim, podemos dizer que o quadro de dez vogais do latim clássico correspondia, na verdade, a sete vogais tônicas no latim vulgar, conforme Nunes (1960):

*ă* e *ā* reduziram-se a *a*

*ĕ* e *ae* reduziram-se a *é* (aberto)

*ē*, *oe* e *ĩ* reduziram-se a *ê* (fechado)

*ī* reduziu-se a *i*

*ō* reduziu-se a *ó* (aberto)

*ō* e *ũ* reduziram-se a *ô* (fechado)

*ū* reduziu-se a *u*

Assim, podemos dizer que a principal diferença nos quadros do sistema vocálico do latim clássico e do latim vulgar diz respeito à substituição do traço da quantidade pelo traço da altura como marca distintiva no latim vulgar, as vogais médias eram abertas ou fechadas (/ɛ, e, ɔ, o/). No latim vulgar havia, então, a concomitância dos traços da quantidade e da altura como relevantes e opostos, as vogais eram longas e fechadas ou breves e abertas.

A partir disso, constatamos que em determinado momento houve a perda do traço da quantidade e a manutenção do traço da altura, responsável pela diferenciação pelo timbre, aberto ou fechado: “*ao contrário do que ainda pensam muitos romanistas, não houve, no latim imperial, permuta da quantidade pelo timbre, mas permanência deste e perda daquela.*” (SILVA NETO, 1952, p. 175).

## **2. A expansão do império e a desfonologização do traço da quantidade**

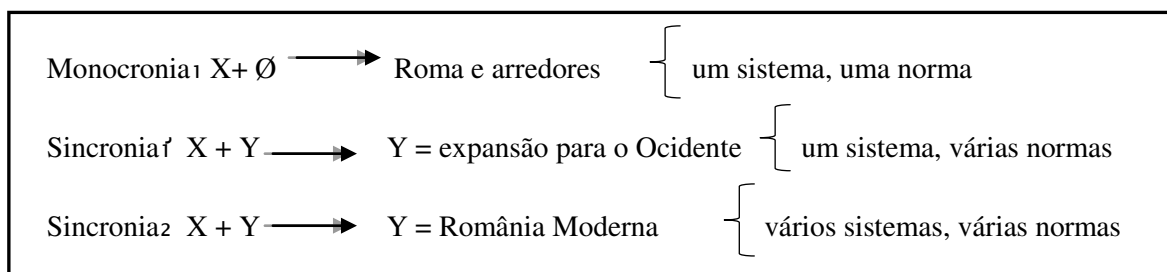
Segundo Zágari (1988), com a expansão do Império Romano, o Latim entrou em contato com inúmeras outras línguas, popularizando o latim vulgar que era, então, falado por muitos povos espalhados por todo o império. Num determinado momento,

havia dois traços concomitantemente relevantes para distinguir as vogais médias: o da quantidade e o da altura, ou seja, houve um momento em que os povos do Império, não percebendo ou não reproduzindo bem a duração/quantidade, recorreram, cumulativamente, ao traço da quantidade e ao da altura para designar oposição, como em /ō:/:ō/ e /o:/:o/, por exemplo.

Aos poucos, o traço da altura foi se tornando mais relevante que o traço da quantidade, que, em muitos casos, passou a ser redundante. A evolução das vogais do latim não foi idêntica em todas as regiões, mas sabe-se que nenhuma das línguas neolatinas manteve o traço da quantidade como relevante para distinção de vogais. Dessa forma, pode-se dizer que a própria disposição do diassistema, ou seja, as condições de sua estrutura, veio a favorecer a desfonologização (perda) da quantidade, de acordo com os estudos de Zágari (1988).

Esquemáticamente, poderíamos representar da seguinte forma o que aconteceu com a língua na expansão do império:

**Quadro 2:** A expansão territorial romana e as possíveis consequências para a pertinência da quantidade segundo Zágari (1988)



Confrontando-se o sistema vocálico latino com o atual sistema vocálico da língua portuguesa, o traço duração/quantidade é o grande ausente, o que representa a conversão havida:

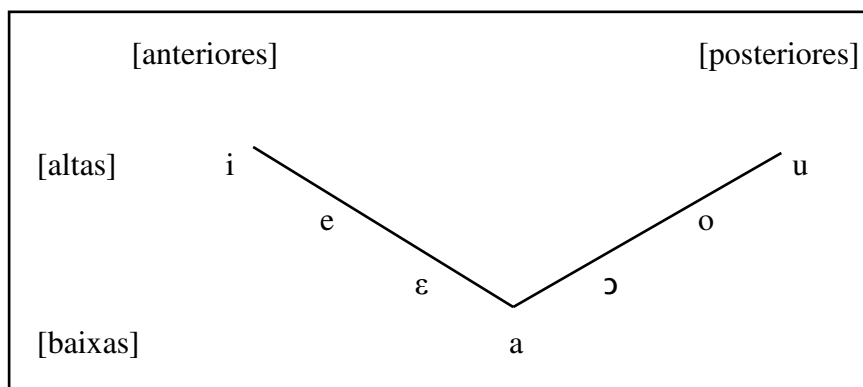
**Quadro 3:** A conversão do sistema vocálico do latim para o português<sup>2</sup>

Latim	/ī/	/ĩ/ /ē/	/ě/	/ā/ /ǎ/	/ō/	/ō/ /ū/	/ū/
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
Português	/i/	/e/	/ɛ/	/a/	/ɔ/	/o/	/u/

Essas mudanças, de acordo com Zágari (1988), foram fruto da regra paradigmática fundamental (R1), no eixo das sucessões, segundo a qual, na passagem do latim vulgar para o português, o traço da quantidade é substituído pelo traço da altura. É através da aplicação desta regra que as vogais longas do latim tendem a resultar em vogais mais altas em português e as vogais latinas breves, em vogais mais baixas, confirmando o que o latim vulgar já apresentava, em divergência ao que se pregava no latim clássico.

Daí, no português, temos o seguinte quadro do sistema vocálico:

**Quadro 4:** Sistema vocálico do português segundo Câmara Jr. (1977)



<sup>2</sup> Zágari (1988, p. 69), não acredita que este esquema possa dar conta de todos os sistemas vocálicos que se originaram do sistema latino, principalmente por considerarmos que no Latim Vulgar não havia um sistema unitário e porque outras línguas e dialetos românicos optaram por outros sistemas vocálicos. No entanto, para o português, acreditamos ser relevante e bastante explicativo este esquema.

No entanto, para se chegar a esse sistema vocálico em que a altura é o traço distintivo, não podemos considerar apenas o padrão, a aplicação da regra paradigmática fundamental não dá conta de explicar todos os casos. Para complementar, precisamos recorrer à regra sintagmática (R2), de harmonização vocálica a partir da presença de um segmento na sílaba subsequente. Essa harmonização pode ser o abaixamento – devido à presença de uma vogal mais baixa na sílaba seguinte –, ou alteamento da vogal – pela presença de uma vogal mais alta, ou de uma assilábica, na sílaba subsequente. (ZÁGARI, 1988)

Assim, a partir da aplicação dessas duas regras, podemos explicar o sistema vocálico português no eixo do tempo.

### 3. As vogais no eixo do tempo

#### 3.1. A vogal portuguesa /a/

Ao contrário das outras vogais, a vogal latina /A/, breve ou longa, opunha-se a todo o conjunto, sendo a oposição /ā/:/ã/ de fraquíssimo rendimento, por dois motivos:(i) essa oposição somente funcionava em sílaba inicial e final;(ii) assim mesmo, em sílaba final, a oposição do tipo *ros/ā/* : *ros/ã/* (nominativo/ablativo) passou a ser expressa pelo morfema de posição – ordem sintática – ou pela preposição que passou a vigorar em substituição ao morfema categórico de caso. Assim<sup>3</sup>:

**Quadro 5:** A vogal portuguesa /a/ segundo Zágari (1988)

<b>A vogal portuguesa /a/</b>	
<b>ā &gt; a</b>	<b>ã &gt; a</b>
charit/ā/te > carid/a/de	/ã/qua > /a/gua
p/ā/ce > p/a/z	c/ã/sa > c/a/sa
gr/ā/tia > gr/a/ça	m/ã/re > m/a/r
lug/ā/r > lug/a/r	l/ã/tu > l/ado

<sup>3</sup> Todos os exemplos deste artigo foram retirados de Zágari (1988).

### 3.2. A vogal portuguesa /ɛ/

Segundo a regra paradigmática fundamental, com a substituição do traço da quantidade pelo traço da altura, para se manter a oposição /ē/: /ě/, deveria ocorrer a seguinte passagem: Mon<sub>1</sub>/ē/: /ě/ > Mon<sub>2</sub>/e/: /ɛ/. No entanto, é preciso observar outros casos, considerando a regra sintagmática de harmonização. Assim,

Historicamente, o fonema português /ɛ/ dá continuidade aos seguintes fonemas latinos (i)/ě/ mantendo-se o par mínimo opositivo, através do traço da altura; (ii)/ē/ em decorrência do ambiente, por harmonização vocálica com a altura da vogal subsequente; (iii)/ĩ/ também em decorrência de harmonização vocálica com a sílaba subsequente; (iv)/æ/ pela monotongação do ditongo latino.

**Quadro 6:** A vogal portuguesa /ɛ/ segundo Zágari (1988)

A vogal portuguesa /ɛ/			
/ě/ > /ɛ/	/ē/ > /ɛ/	/ĩ/ > /ɛ/	/æ/ /ɛ/
p/ě/tra > p/ɛ/dra	t/ē/lla > t/ɛ/la	/ĩ/lla > /ɛ/la	c/ae/lu > c/ɛ/u
p/ě/de > p/ɛ/	apoth/ē/ca > bod/ɛ/ga	/ĩ/sta > /ɛ/sta	c/ae/cu > c/ɛ/go
t/ě/rra > t/ɛ/rra	mon/ē/ta > mo/ɛ/da	/ĩ/psa > /ɛ/ssa	C/ae/sar > C/ɛ/sar
n/ě/bula > n/ɛ/voa	r/ē/gula > r/ɛ/gra	inv/ĩ/dia > inv/ɛ/ja	qu/ae/ro > qu/ɛ/ro

### 3.3. A vogal portuguesa /e/

Como já vimos no estudo da vogal /ɛ/, o esperado para a manutenção da oposição, é Mon<sub>1</sub>/ē/:/ě/ > Mon<sub>2</sub>/e/:/ɛ/. Entretanto, sabemos que a regra sintagmática pode alterar o caminho padrão na passagem para o português. Assim, o fonema português /e/ continua, historicamente, aos fonemas latinos: (i) /ē/ mantendo-se o eixo das sucessões: o par mínimo opositivo, através do traço da altura; (ii) /ĩ/ também em decorrência da regra anterior; (iii) /ě/ em ambientes aparentemente diferentes que encerram a mesma verdade: a presença de um segmento [+alto] na sílaba posterior ou na mesma sílaba, o que alteia o esperado /ɛ/, passando a /e/, ou seja, presença de vogal alta ou assilábica na mesma sílaba ou na sílaba subsequente.



**Quadro 7:** A vogal portuguesa /e/ segundo Zágari (1988)

<b>A vogal portuguesa /e/</b>	
<i>/ē/ &gt; /e/</i>	<i>/ĩ/ &gt; /e/</i>
sap/ <i>ē</i> /re > sab/e/r	n/ <i>ĩ</i> /gru > n/e/gro
r/ <i>ē</i> /te > r/e/de	c/ <i>ĩ</i> /to > c/e/do
pot/ <i>ē</i> /re > pod/e/r	cerev/ <i>ĩ</i> /sia > cerv/e/ja
m/ <i>ē</i> /nsa > m/e/sa	p/ <i>ĩ</i> /ra > p/e/ra
<b><i>/ě/ &gt; /e/ (vogal alta)</i></b>	<b><i>/ě/ &gt; /e/ (assilábica)</i></b>
p/ <i>ě</i> /rdita > p/e/rda	sup/ <i>ě</i> /rbia > sob/e/rba
p/ <i>ě</i> /rsico > p/e/ssago	cer/ <i>ě</i> /sia > cer/e/ja
P/ <i>ě</i> /tru > P/e/dro	prof/ <i>ě</i> /ctu > prov/e/ito
adv/ <i>ě</i> /rsu > av/e/sso	m/ <i>ě</i> /u > m/e/u

### 3.4. A vogal portuguesa /i/

Segundo a regra paradigmática fundamental, no eixo do tempo, a oposição */ĩ/:ĩ/se* mantém como */i/:e/*. Considerando também a regra sintagmática de harmonização, podemos dizer que o fonema português */i/* dá continuidade os seguintes fonemas latinos: (i) */ĩ/* no eixo paradigmático, mantendo o par opositivo, privilegiando-se o traço da altura em detrimento da quantidade; (ii) */ē/* em três ambientes fonológicos distintos, com regras sensíveis ao contexto, em que o segmento silábico ou assilábico da sílaba subsequente, por ser [+alto] provoca o alteamento; (iii) */ě/* por harmonização devido à presença de segmento [+alto] na sílaba subsequente; (iv) */ĩ/* também por harmonização vocálica por conta da presença de segmento [+alto] na sílaba subsequente e para manutenção do hiato típico, com duas aberturas sucessivas e contínuas de pontos articulatorios opostos (extremos).

**Quadro 8:** A vogal portuguesa /i/ segundo Zágari (1988)

<b>A vogal portuguesa /i/</b>		
/ĩ/ > /i/	/ē/ > /i/	/ĩ/ > /i/
form/ĩ/ca > form/i/ga	d/ē/bita > d/i/vida	v/ĩ/treu > v/i/dro
vic/ĩ/nu > viz/i/nho	d/ē/cima > d/i/zima	erv/ĩ/lia > erv/i/lha
m/ĩ/lle > m/i/l	f/ē/ci > f/i/z	mirab/ĩ/lia > marav/i/lha
am/ĩ/cu > am/i/go	v/ē/ni > v/i/m	
<b>/ĩ/ &gt; /i/ (hiato)</b>	<b>/ē/ &gt; /i/ (assilábica)</b>	<b>/ě/ &gt; /i/</b>
d/ĩ/a > d/i/a	vind/ē/mia > vind/i/ma	s/ě/quo > s/i/go
v/ĩ/a > v/i/a	b/ē/stia > b/i/cha	f/ě/rio > f/i/ro

### 3.5. A vogal portuguesa /ɔ/

Para manter a oposição no eixo das sucessões, Mon<sub>1</sub>/ō/:/ō/>Mon<sub>2</sub>/o/:/ɔ/. Assim, o fonema português /ɔ/ continua historicamente (i) o fonema latino /ō/, mantendo o par opositivo, privilegiando-se o traço da altura em detrimento da quantidade; (ii) por harmonização, devido à presença de segmento [+baixa] na sílaba subsequente, o fonema português /ɔ/ também advém do latino /ō/.

**Quadro 9:** A vogal portuguesa /ɔ/ segundo Zágari (1988)

<b>A vogal portuguesa /ɔ/</b>	
/ō/ > /ɔ/	/ō/ > /ɔ/
/ō/ssos > /ɔ/ssos	h/ō/ra > h/ɔ/ra
/ō/vos > /ɔ/vos	f/ō/rma > f/ɔ/rma
p/ō/rcos > p/ɔ/rcos	hac h/ō/ra > ag/ɔ/ra
pr/ō/ba > pr/ɔ/va	frem/ō/sa > form/ɔ/sa

É preciso observar que no singular de **ossos**, **ovos**, **porcos** o /õ/ sofreu alteamento pela presença de uma vogal alta na sílaba subsequente: /õ/ssu>osso; /õ/vu>ovo; p/õ/rcu>porco.

### 3.6. A vogal portuguesa /o/

No eixo das sucessões, /õ/:/õ/> /o/:!o/ e /ũ/:/ũ/> /u/:/o/, considerando os casos de harmonização, teremos a vogal portuguesa /o/ como resultado das latinas /õ, /ũ/, /õ/. O fonema português /o/ dá continuidade, historicamente, aos fonemas latinos: (i) /õ/ no eixo paradigmática, mantendo o par opositivo, privilegiando-se o traço da altura em detrimento da quantidade; (ii) /ũ/ no eixo paradigmática, mantendo o par opositivo, privilegiando-se o traço da altura em detrimento da quantidade; (iii) /õ/ por harmonização devido à presença de segmento [+alto] na sílaba subsequente.

**Quadro 10:** A vogal portuguesa /o/ segundo Zágari (1988)

<b>A vogal portuguesa /o/</b>		
<i>/õ/ &gt; /o/</i>	<i>/ũ/ &gt; /o/</i>	
sap/õ/re > sab/o/r	m/ũ/sca > m/o/sca	
do!/õ/re > d/o/r	g/ũ/tta > g/o/tta	
t/õ/tu > t/o/do	verec/ũ/nnia > verg/o/nha	
sc/õ/pa > ec/ova	l/ũ/pu>l/o/bo	
<b>/õ/ &gt; /o/ (assilábica)</b>		
n/õ/cte > n/o/ite	<b>/õ/ &gt; /o/ (assilábica)</b>	<b>/õ/ &gt; /o/ (vogal alta)</b>
/õ/ctu > /o/ito	c/õ/riu > c/o/uro	/õ/ssu > /o/sso
d/õ/ctu > d/o/uto	h/õ/die > h/o/je	/õ/vu > /o/vo
	f/õ/rtia > f/o/rça	p/õ/rcu > p/o/rco

### 3.7. A vogal portuguesa /u/

No caso da vogal /u/, espera-se que /ũ/:/ũ/> /u/:/o/ mantendo par mínimo opositivo. Mas, considerando a regra sintagmática, o fonema português /u/ continua, no eixo das sucessões, os fonemas latinos (i) /ũ/ no eixo paradigmática, mantendo o par

opositivo, privilegiando-se o traço da altura em detrimento da quantidade; (ii) /ō/ por harmonização devido à presença de segmento [+alto] na sílaba subsequente, marcado pela vogal alta e pela assilábica; (iii) /ō/ também por harmonização devido à presença de segmento [+alto] na sílaba subsequente; (iv) /ũ/ por harmonização a distância, alteando a vogal pela presença de um segmento [+ alto] na sílaba seguinte; (v) /ũ/ para manutenção do hiato que se perpetua no tempo, mantendo-se a altura quando a sucessão de abertura da boca se dá com vogais de pontos extremos de emissão.

**Quadro 11:** A vogal portuguesa /u/ segundo Zágari (1988)

A vogal portuguesa /u/		
/ū/ > /u/	/ō/ > /u/ (assilábica)	/ũ/ > /u/
virt/ū/te > virt/u/de	d/ō/rmio > d/u/rmo	ac/ũ/cula > ag/u/lha
l/ū/na > l/u/a	c/ō/mpleo > c/u/mpro	/ũ/ngula > /u/nha
/ō/ > /u/ (assilábica)	/ō/ > /u/ (assilábica)	/ũ/ > /u/ (hiato)
testem/ō/nia > testem/u/nha	p/ō/tui > p/u/de	t/ũ/a > t/u/a
quaeram/ō/nia > caram/u/nha	p/ō/sui > p/u/s	d/ũ/as > d/u/as

### Considerações finais

Em síntese, podemos dizer que com relação ao sistema vocálico latino-português, houve a aplicação de apenas duas regras:

(1) regra paradigmática fundamental, segundo a qual toda vogal longa em latim resulta em uma vogal alta em Português e toda vogal breve latina resulta numa vogal mais baixa em português; e,

(2) regra sintagmática que prevê que a presença de segmento [+alto, +baixo] na mesma sílaba ou na sílaba subsequente provoca alteamento ou abaixamento da vogal tônica.

Segundo Zágari (1988), pode-se dizer que, *no campo vocálico tônico latino-português, nesses dois milênios de historicidade, houve duas regras básicas, privilegiando-se o eixo do paradigma que, não dando conta, faz a atuação recair no*

*eixo do sintagma*. O autor propõe o seguinte esquema para ilustrar a aplicação das duas regras responsáveis pelas mudanças no sistema vocálico latino que resultou nas vogais portuguesas:

**Quadro 12:** Diacronia das vogais portuguesas segundo Zágari (1988)

R <sub>1</sub>	t <sub>1</sub>	/ː/	:	/ː/
	t <sub>0</sub>	{[+alto]}		{[+baixo]}
		{[-baixo]}		{[-alto]}
R <sub>2</sub>	V	→	[α alta] / _____	[α alta]

Assim, segundo Zágari (1988), de forma conclusiva tem-se, que a vogal latina **longa** que se opunha à **breve** – mantendo-se a oposição – tornou-se não alta, isto é, ou **baixa** ou **média**. Isso quer dizer que na linha do tempo, sempre se preservou a oposição, o traço distintivo: o traço da **altura** substituiu o traço da **quantidade** (duração), de acordo com a regra paradigmática fundamental. Quando o resultado se apresenta fora dessa expectativa, recorreremos à segunda regra, a sintagmática, caracterizada pelo alteamento ou abaixamento do segmento devido à presença de um outro segmento – mais alto ou mais baixo – na mesma sílaba ou na sílaba subsequente.

### **From Latin to Portuguese: a diachronic study about vowels**

**ABSTRACT:** On this job, we are supposed to study the Latin origins of the Portuguese Vocalic Phonemes, retrieving, from the Historical Linguistic, a piece of the diachronic process of the Portuguese Language. To guide our research, we will resort to renowned authors from the Linguistic and Phonology, such as Saussure, Jakobson, Halle and Chomsky, as well as to Historic Linguistic Classic ones, for instance, Ismael Coutinho and Rodolfo Ilari.

Key-words: Historical Linguistic, Diachrony of Portuguese, Latin vowels.

### **Referências bibliográficas**

BACK, E. *A evolução do sistema das vogais portuguesas*. Revista Letras, Curitiba, v. 16, 1968.

Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/19818/13052>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHOMSKY, N. HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. Harper & Row, Nova Iorque, 1968.

COUTINHO, I. L. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

FONTE, J. S. *Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 254 p. ISBN 978-85-7983-102-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 2002.

JAKOBSON, R., HALLE, M. *Fundamentals of Language*. The Hauge, Mouton, 1956.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 6 ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1973.

TEYSSEIER, P. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZÁGARI, M. R. L. *Fonologia diacrônica do português*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.

Data de envio: 30 de novembro de 2014

Data de aprovação: 31 de janeiro de 2015

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2015